

## A OBRA BIFRONTA DE MARQUESA DE ALORNA<sup>1</sup>

Ana Livia Pereira BATISTA<sup>2</sup>

Licencianda em Letras-Português – IFSP/Campus São Paulo

### RESUMO

O presente artigo pretende abordar questões relativas ao reconhecimento e à valorização da autoria feminina durante o século XVIII e XIX, em Portugal e, mais especialmente, o caso do reconhecimento, em seu tempo, e da desvalorização, no decorrer do tempo, da poetisa portuguesa Marquesa de Alorna (Dona Leonor de Almeida Portugal de Lorena e Lencastre). Pretendemos problematizar as razões deste reconhecimento em seu tempo e sua inserção na poética árcade lusitana e sugerir a razão da desvalorização da escritora no cânone de Língua Portuguesa com o passar do tempo.

**Palavras-chave:** Arcadismo. Autoria Feminina. Literatura portuguesa. Marquesa de Alorna.

### Introdução

O objeto deste estudo é a poesia da poetisa portuguesa do século XVIII-XIX, Leonor de Almeida Portugal de Lorena e Lencastre, a Marquesa de Alorna, nome pouco aventado nos tratados de literatura de língua portuguesa, especialmente no Brasil.

De modo geral, devido ao silenciamento da autoria feminina na história da literatura, não vemos muitas mulheres do século XVIII-XIX reconhecidas no cânone literário, todavia, uma investigação não muito exaustiva do passado, certamente já nos poderia levar a diversos nomes de valor esquecidos no tempo, como foram os nomes das escritoras Francisca Possolo, Maria Browne e Ana Plácido.

A Marquesa de Alorna é uma destas mulheres tantas que produziu significativa e reconhecida obra entre os séculos XVIII e XIX, mas que por falta de visibilidade concedida às mulheres na história do cânone literário e na educação literária recebida

---

<sup>1</sup> Integrante do projeto de extensão **Literatura de Autoria Feminina**, sob orientação do Professor Charles Borges Casemiro (Edital n. 557/2016).

<sup>2</sup> Endereço eletrônico: analivia1404@gmail.com

nas escolas acabaram sendo esquecidas e, com o passar do tempo, verdadeiramente, silenciadas.

Este trabalho busca, portanto, revisitar o valor que a poesia da Marquesa de Alorna recebeu em seu tempo, por se enquadrar na mais alta estirpe da lírica árcade portuguesa, e demonstrar como, em sua conformação, esta poesia equivale em qualidade à lírica dos demais poetas árcades reconhecidos e lembrados daquele momento neoclássico luso, como por exemplo, Manuel Maria du Bocage.

Aproximando assim, a Marquesa de Alorna e Bocage, vemos que ambos mobilizaram, em sua poesia, tanto características recursos neoclássicos de seu tempo, quanto características e recursos românticos do tempo que viria, colocando-se como poetas de seu tempo e para além de seu tempo. Bocage, entretanto, figura ainda hoje em todos os almanaques literários de escola e nos manuais de história da literatura nos cursos secundários e de letras, e circula livremente por todas as salas de aula de literatura. A Marquesa de Alorna, porém, hoje em dia, aparece somente aqui ou ali, com raridade, em espaços menores nos livros e almanaques de literatura e, apenas, muito parcimoniosamente, acaba chegando às salas de aula do ensino médio e dos cursos de letras. Vista, todavia, a equivalência da qualidade de produção estética dos dois autores, somos conduzidos obviamente a perguntar: por que Bocage permanece iluminado e por que a Marquesa foi quase que inteiramente apagada da mesma história literária? A conformação patriarcal e patrimonialista do mundo burguês parece ser o centro deste apagamento de mulheres e, neste sentido, não podemos pensar somente em um machismo ancestral e de fachada, mas, mais profundamente, em uma conformação estrutural da história econômica, política e social do capitalismo que, em sua ética e em seus jogos de interesse, por muito tempo seguiu excluindo a mulher do palco das disputas de poder. É, sem dúvida, neste bojo das disputas de poder, que muitos homens, como Bocage foram afirmados historicamente, enquanto muitas mulheres, como a Marquesa de Alorna, foram negadas.

### **Louros à Marquesa**

Leonor de Almeida Lorena e Lencastre nasceu em Lisboa no dia 31 de outubro

de 1750, e ficou mais conhecida como Marquesa de Alorna, ou ainda, como Alcipe, seu pseudônimo neoclássico, com o qual alcançou grande notoriedade no círculo poético-literário luso.

Em sua meninice, devido ao seu parentesco próximo com a família Távora, foi vítima das perseguições do Marquês de Pombal, que decretou sua prisão, alegando que todos da família da Marquesa estavam envolvidos em uma conspiração contra o Rei Dom José I.

Por consequência de tais perseguições pombalinas, a família de Leonor ficou separada por mais de onze anos. Leonor, por sua vez, foi enclausurada no convento de Chelas e, durante esse período, para além das atividades eclesiais, acabou tendo contato com a poesia, com a filosofia e com a música, proporcionadas pelos livros que os amigos de sua família lhe confiavam. Conheceu diversos poetas, inclusive, membros da Arcádia portuguesa, como Francisco Manuel do Nascimento e Manuel Maria do Bocage, dos quais a Marquesa guardará grande influência na composição de sua poética.

Nesse sentido, a obra produzida pela Marquesa, como a de Bocage, ficou composta por duas perspectivas distintas, a primeira, pré-romântica, em que se pode ler traduções e imitações de autores como James Thomson, ou poesias inspiradas em leituras de Rousseau, de quem a poetisa arrematou a visão de que o estado de espírito é poderoso para alterar o olhar sobre a natureza. É o que se observa no soneto a seguir:

Bem pode sobre o cândido Oriente  
Soltar Febo os cabelos douradores,  
Que quem vive como eu, vê sempre as flores  
Tintas da negra cor do mal que sente.

Para mim não há prado florescente,  
Tudo murcham meus ais, meus dissabores,  
Nem me tornam cantigas dos Pastores  
Jamais serena a pensativa frente.

Se triste vou às danças, triste venho,  
E quando a noite estende húmido manto  
A segurar o sono, em vão me empenho.

Não toco a flauta, versos já não canto;

Cercada de pesar, mais bem não tenho  
Que triste desaforo em terno pranto.

Note-se no poema como o sofrimento do eu-lírico modifica a paisagem recheando o ambiente de subjetividade. Febo pode iluminar todo o Oriente, mas as flores para o eu-lírico parecem estar negras e os prados murchos por causa do mal-estar em que ele se encontra. A natureza espelha assim, o estado de alma do eu-lírico, abalando a dureza formal do soneto e a estabilidade da natureza, com as *tempestades e ímpetos* do espírito do século XIX.

Já a segunda perspectiva da obra da Marquesa é composta por traços fortes do neoclassicismo e do iluminismo, patentes especiais do século XVIII. Nesta perspectiva, podemos ver as referências e as imitações dos trejeitos da cultura pagã greco-romana e a exaltação da natureza como sinônimo da estabilidade, do equilíbrio e da racionalidade. É o que se pode constatar no soneto a seguir:

Deitei-me sôbre a fresca relva um dia,  
E dando a um sono leve alguns instantes  
C'os prazeres sonhei, que lá distantes  
Debuxava a estragada fantasia.

Saturno vagaroso me trazia  
Um diadema de lúcidos diamantes,  
Entramado de mirtos odorantes,  
O qual Cípria na fronte me cingia.

A Fortuna risonha se mostrava,  
Mas no disco da roda vacilando,  
Voltando-a, me levou quando eu sonhava.

Já Délio para os mares ia olhando,  
E Bóreas, que raivoso murmurava,  
M'acordou, como dantes, suspirando.

O poema, em sua forma clássica – um soneto, traduz de modo especial, as mesmas noções de estabilidade e racionalidade que se destacam da natureza, apresentando regularidades técnicas que ilustram a pujança da razão sobre qualquer tipo de lampejo emocional: o uso dos versos decassílabos (versos com dez sílabas poéticas), as rimas regulares, ou seja, rimas opostas ou interpoladas nos dois quartetos e rimas

mistas nos dois tercetos, sugerem perfeita consonância com o desenvolvimento temático, que apresenta a natureza como um refúgio de prazer e tranquilidade, além de fazer inúmeras alusões a figuras mitológicas, como Saturno, Cípria, Fortuna, Délio e Bóreas, confirmando a opção por uma cultura clássico-pagã, referenciada pelo iluminismo, no que tange a seu culto ao homem natural, ao cultivo da razão e à experiência material da vida.

Em 1813, a poetisa escreveu o poema *Recreações Botânicas, Poema Dedicado As Senhoras Portuguezas*, composto por seis cantos, em que há trechos, também à moda neoclássica, que incitam a fuga da cidade (*fugere urbem*) e fazem exaltação ao campo (*locus amoenus*), como bastantes vezes defenderam as academias árcades lusitanas. O trecho a seguir ilustra bem isto:

Foge, Henriqueta, foge das cidades,  
Onde opresivas leis da Moda absurda  
Agrilhoam o ingenho, apagam a alma.  
Tudo é ruído alli, tudo é tumulto.  
Lá sem riqueza é nulla a intelligencia:  
E sem intelligencia, a pompa, o luxo,  
São crespo fumo que dissipa o vento.  
Os thesouros ao rico nunca bastam:  
Quer sempre alem daquillo que consegue;  
E o que consegue é quanto pésa e vale  
Um só metal, dos muitos que Deos cria.  
O pobre inda é mais pobre entre estes ricos:  
O sabio é como um fructo que não medra,  
E que as formigas avidas devoram.

O que a Moda dictou, é lei dos loucos  
Que contradiz as leis da Natureza:  
É como a nevoa densa em que se envolve  
O monte, o rio, o prado, as maravilhas  
De toda a Creação: opaca a Moda  
Esconde tudo o que a razão nos mostra.

Nota-se no trecho, uma intencional e progressiva desvalorização da vida nas cidades em conjunção a um culto à natureza ancestral, paradisíaca. Já a partir do primeiro verso, é possível identificar assim, o lema central do *fugere urbem*, em contraposição quase crítica à nova e perturbadora paisagem urbana que se consumava no século XVIII-XIX, como ambiente do novo mundo burguês. O poema tece, portanto,

uma crítica à sociedade que passava a dar valor somente aos bens materiais, ao luxo e à pompa da urbanidade e que não se prestava mais à inteligência, ao convívio harmonioso com natureza e à aceitação das suas leis.

## Conclusão

Leonor de Almeida Lorena e Lencastre – a Marquesa de Alorna – com todas as suas letras, apesar do cânone literário conceder a ela pouca visibilidade, como a outras mulheres na literatura, foi uma contundente presença de mulher na história da língua e da cultura portuguesa, afigurando-se como agente e como construtora veemente de visões estéticas, políticas, econômicas, sociais e filosóficas para o seu tempo e para a posteridade. Em meio a tantas dificuldades para escrever em tempos remotos, como no século XVIII e XIX, em que somente uma pequeníssima minoria das mulheres teve oportunidade de se alfabetizar e ter contato com a história da arte, literatura, filosofia, sociedades etc., de ter contato com artistas diversos, como os poetas da academia, a Marquesa de Alorna, foi sim uma privilegiada, a despeito das restrições impostas à sua história por conta do pombalismo.

Nesse sentido, a formação da Marquesa e o contexto histórico transitório entre arcadismo e romantismo, em que ela viveu, foram assim, fundamentais para conceder complexidade e abrangência à sua obra poética que, assim como a de Bocage, pode ser considerada obra amplamente bifronte, na qual, de um lado, há claros aspectos árcades, regados de elementos clássicos e iluministas, marcando a autora como uma artista bastante representativa de seu tempo histórico e estético; e, por outro lado, há abundantes traços pré-românticos, onde a exacerbação da subjetividade e dos estados de alma marcam a autora como uma artista visionária, criadora, transformadora, que soube prever e sentir o mundo, a história e a estética que estava por vir.

É, portanto, em nome de sua obra *sui generis*, por promover a superação das condições impostas às mulheres de seu tempo e às que foram impostas a ela, particularmente, por ser, portanto, uma mulher no século XVIII-XIX e, ainda assim, extrapolar a esfera da atuação exclusivamente privada – o lar, a família, a dedicação exclusiva aos filhos e ao marido – e intrometer-se na esfera pública – no âmbito

intelectual e político, sobretudo, fazendo valer o seu olhar feminino no âmbito da *Polis*, que gostaríamos de afirmar aqui nosso convite para uma revisitação à poética da Marquesa de Alorna que, se está silenciada e foi esquecida de muitos manuais de literatura de nosso tempo, só o foi porque a história do mundo burguês, em seu primeiro tempo de afirmação, se fez calcada em uma visão de mundo patriarcalista e patrimonialista. Querem, entretanto, as afirmações mais recentes da mulher no mundo contemporâneo, que o jogo dessa história ou a história desse jogo, em seu segundo tempo, tenha um andamento e final diferentes, para que todas as mulheres construtoras da história, e que foram silenciadas no primeiro tempo, possam ser revistas e colocadas no palco, em seu lugar de protagonismo.

### Referências

ALORNA, Leonor de Almeida Lorena e Lencastre, Marquesa de. *Obras poeticas de D. Leonor d'Almeida Portugal Lorena e Lencastre, marquesa d'Alorna, condessa d'Assumar, e d'Oeynhausien, conhecida entre os poetas portuguezes pelo nome de Alcipe*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1844.

ALORNA, Leonor de Almeida Lorena e Lencastre, Marquesa de. *Sonetos/Marquesa de Alorna; introdução, organização, fixação de texto, notas e bibliografia de Vanda Anastácio*. Rio de Janeiro: 7letras, 2007.

FATIMA, Maria de. A concepção de natureza na obra poética da Marquesa de Alorna. *Revista da Faculdade de Letras, Línguas e Literaturas*. Porto: n.16, p.47-57, 1999.

GOMES, Gisele Ambrósio. A Marquesa de Alorna e a Sociedade Ilustrada Portuguesa. *Revista Tempo de Conquista*. Juiz de Fora, rtc3, julho de 2008.

Notícia biographica da Exma Senhora D. Leonor d' Almeida. In: Marquesa de Alorna, *Obras Poéticas*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1844, t..1, p 3 e 6. Disponível em <<http://purl.pt/172>>. Acesso em 19 jun.2016.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. Crítica feminista: lendo como mulher. *Revista FronteiraZ*, São Paulo: n. 7, dezembro de 2011.

## ***THE TWO-FACED MARCHIONESS OPUS***

### **ABSTRACT**

*The present article intends to deal with questions related to the recognition and appreciation of feminine authorship during the eighteenth and nineteenth centuries in Portugal and, more specifically, the recognition in its time, and the devaluation in the course of time, of the Portuguese poetess Marchioness of Alorna (Mrs. Leonor de Almeida Portugal de Lorena e Lencastre). We intend to problematize the reasons for this recognition in its time and its insertion in the Lusitanian poetic poetry and to suggest the reason for the writer's devaluation in the canon of Portuguese Language over time.*

**Keywords:** Arcadism. Feminine Authorship. Portuguese Literature. Marchioness of Alorna.

REGRASP (ISSN 2526-1045), v. 2, n. 2, abr.2017 - Especial Literatura de Autoria Feminina